

## O dia que conheci Laura

### The Day I Met Laura

DÉBORA FÁTIMA GREGORINI<sup>1</sup>

Ainda me lembro dos olhos de Laura. Cheios d'água. Cada lágrima escorrendo com dificuldade, pareciam acompanhar o desespero e a descrença daquela que as derramava. Laura estava muito brava, muito triste, e especialmente incrédula justamente com o fato de ninguém acreditar nela. Repetia com frequência, - ninguém acredita em mim, porque ele mente bem, ele fala melhor do que eu, sabe explicar para os outros que eu tenho um problema.

Conheci Laura em um sábado, havia ido almoçar com meu namorado em um restaurante no centro da cidade, e foi saindo deste lugar que vi uma mulher pequena gritando muito na calçada. Ela falava com um casal que parecia estar tentando entender o que havia acontecido com ela, ao seu lado estava um homem mais velho, muito malvestido, com roupas sujas, assim como Laura. Não pude passar reto pela situação. Aquela moça parecia precisar de ajuda. Parei ao lado dela e ouvi suas reclamações de que aquele homem ao seu lado a agredia constantemente, ela o chamava de marido.

O marido de Laura não a deixava falar, constantemente a interrompia e parecia apelativo dizendo ao casal que ela era louca, tomava psicotrópico, as palavras dela não valiam muita coisa. Ele não aguentava mais cuidar daquela menina que tinha sido abandonada. Ao mesmo tempo, Laura repetia que ele a agredia, que batia sem deixar marcas para ela não poder denunciá-lo. O acusava de mais crimes, furtos, violência. O marido negava tudo, mas não apenas isso, dizia que era bom saber finalmente como Laura o via, e o fazia num tom de quem diz - mais tarde você vai pagar por isso.

Tentei conversar com Laura, pedindo que me contasse sua história, eu estava disposta a lhe ouvir. O marido logo direcionou para mim a ladainha de que Laura não era sã. Sou psicóloga, respondi, se ela for mentalmente instável eu vou entender. Por um momento ele me viu como sua aliada, alguém que poderia dar finalmente o atestado de louca para aquela mulher. Logo ele notou que não era isso que eu estava disposta a fazer, e que, para mim, se ali havia alguém de quem suspeitar, era ele.

Não houve muito tempo para que Laura me contasse sua história. Repetiu que ele batia nela, a trancava em um quatinho e lhe negava comida, mas fazia coisas que ela não conseguia mostrar para ninguém. Ela tinha medo de denunciar e não

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica (CRP 08/30961), graduada pelo Centro Universitário de Pato Branco - UNIDEP. Interessada em Psicologia Existencialista, filosofia existencialista e fenomenológica e discussões acerca do movimento feminista. Mestranda em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. E-mail: deboragregorini@hotmail.com

poder provar. Enquanto eu lhe perguntava sobre sua família ou alguém em quem pudesse confiar, a polícia chegou. Aquele casal do começo da história havia chamado. Tão cedo os policiais desceram da viatura começaram a interrogar Laura e o marido. Procurei uma sombra para me abrigar do sol escaldante e embaixo de um toldo, eu e o casal ouvimos a policial que veio nos contar: a menina tem só 17 anos, ele tem 47. Há dois anos ela perdeu um filho, grávida dele. Aquilo foi um soco para mim. Eu tinha olhado nos olhos suplicantes de Laura e não vira uma menina, tanta violência, seja desse marido ou da vida que não poupa alguém que estava catando latinhas para conseguir sobreviver, tanto sofrimento parece ter-lhe roubado qualquer ar infantil. Também sei muito bem que com 17 anos menina é mulher, adolescência é privilégio masculino de homem branco que faz merda com 35 anos e ainda é chamado de menino.

Não falei mais com Laura. Apenas ouvia os policiais repetidamente pedindo que o marido ficasse quieto para que pudessem ouvir o que ela tinha a dizer, depois chegaria a vez dele. Ouvi várias vezes o marido se referir ao bebê que Laura perdeu, dizendo – o meu filho morreu porque ela teve sífilis, você perdeu ele porque não sabe com quem dorme Laura. A pobre da Laura nem o luto do filho podia viver sem culpa. Se é que alguma mãe consegue fazer isso. Me doeu ver como aquele homem conseguia olhar para uma menina 30 anos mais jovem do que ele e a culpar por ter perdido o SEU filho, como se fosse uma coisa só dele que ela estava carregando e deixou cair e quebrar, como se não fosse parte dela, como se ela merecesse ser punida por ter deixado o bebê morrer. Eu não sei o que aconteceu com o filho de Laura, ela nada falava sobre o assunto. Só posso falar de como aquele homem aparecia para mim: sujo, maltratado pela vida, mas mantendo o único poder que ainda lhe restava, sua masculinidade. Ainda sendo o mais ferrado dos homens ele jamais seria uma mulher, e sempre haveriam as Lauras por aí, jovens e solitárias, presas fáceis para homens maduros que gostam de fingir proteger, gostam de confundir amparo com controle, que fazem as Lauras do mundo não entender porque o amor precisa doer tanto.

A última visão que tive de Laura foi quando a policial disse que chamaria a Assistência Social do município, porque ela é menor de idade. Eu confiei naquela mulher fardada porque vi nela uma parceira que tinha entendido tudo, que também acreditava em Laura. Eu confiei Laura a ela, como alguém que precisa confiar que de alguma maneira o sistema pode salvar algumas de nós, como alguém que sente muita raiva, muita dor, mas não sabe direito o que fazer com isso. Como alguém que não podia pegar essa e tantas outras Lauras no colo e as levar para um lugar seguro e bonito, lhes dar um vestido que não esteja rasgado, garantir que terão um emprego realizador e que o amor não é mau, que ainda há felicidade no mundo esperando por elas. Ainda hoje lembro do vestido azul de Laura, do seu olhar de dor, da sua raiva. Vou carregar comigo as lágrimas dela, quem sabe a sua raiva se juntando com

a minha vira um combustível mais potente para que eu possa lutar por mim, por ela e por todas as mulheres.

Submissão: 09. 12. 2022 / Aceite: 10. 12. 2022